



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 446-457.

Obra das travas

entrevista com Linn da Quebrada, por Marcelo de Trói¹

Não é a coçada no saco de Cássia Eller, nem o rebolado de Ney Matogrosso. É a quebrada em cena: é Linn, única. Movimento é palavra recorrente em sua fala. Como diz, não pode representar ninguém, senão ela mesma. Quer discutir representação, justiça, quer manter a vida de pessoas como ela. A vida de uma travesti no Brasil não passa dos 35 anos. Se não pode falar “por”, pode falar “com”, e elas são muitas. Tem sido este o objetivo de seu trabalho: criar redes. A criação audiovisual *blasFêmea*², a qual ela assina roteiro e direção, é uma defesa do feminino. Linn também é a estrela do documentário *Bixa Travesty* (2018)³ de Kiko Goifman e Cláudia Priscila, ganhador do Prêmio Tedd na última edição do Festival de Berlim. Parece ser “máquina de guerra”, conceito de Deleuze e Guattari⁴ para falar das máquinas engendradas fora do Estado, com potencial para lidar com seu caráter fascista. Com pensamento organizado, didático, Linn é autêntica ao falar sobre seu próprio percurso, bastante recente. E nos leva a pensar na máxima spinoziana, linha de fuga ao pensamento cartesiano: “o que pode um corpo?”⁵.

Um resumo dessa entrevista foi publicado na Revista Cult, edição 26, em outubro de 2017⁶, e agora segue na íntegra. Linn mostra conhecimento ao discorrer sobre os estudos queer e não cai na armadilha: não há tradução, definir o *queer*, para ela, seria um paradoxo. “Nós furamos a cerca, quebramos o muro”, afirma. Se interseccionalidade e a sororidade tem sido as palavras do momento para demonstrar outras formas de se fazer arte e ativismo, Linn demonstra que já sabe

¹ É bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC/UFBA - Universidade Federal da Bahia. É membro do NUCUS, núcleo de pesquisa em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NUCUS/UFBA). E-mail: troimarcelo@gmail.com

² *blasFêmea* (2017), disponível em: <<https://youtu.be/-50hUUG1Ppo>>. Acesso em 28 jun 2018.

³ O trailer do documentário está disponível em: <<https://youtu.be/p-LXDzptr1I>>. Acesso em 28 jun 2018.

⁴ DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

⁵ SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁶ Uma versão editada foi publicada no site da Revista em 08 ago. 2017, sob o título “Ficou insustentável fingir que nós não existimos”, disponível em: <www.revistacult.uol.com.br>. Acesso em 28 jun 2018. A atual versão é integral, sem os cortes das duas primeiras publicações, com atualizações, notas explicativas e foi autorizada pela artista.

Recebido em 28/06/18

Aceito em 25/07/18

disso há muito tempo. Ela é apenas mais uma na rede de corpos que possuem a mesma luta nas quebradas da vida. Dá verdadeira aula sobre micropolítica, subjetividade e violência. Transmite seu conhecimento revelando o que todos nós deveríamos ser, máquinas em movimento: “Um processo inacabado, estando sempre em obras, em obras... não em obras das trevas, mas obras das travas”, descreve em epifania.

Marcelo de Trói: Em geral, nas narrativas do cotidiano, encontramos a conversão de pessoas, “ex-alguma coisa” ao cristianismo, e vamos dizer que você, como ex-testemunha de Jeová, se converteu à arte transviada. Você disse ainda ter marcas no corpo sobre esse “ser cristã”. Penso muito nos índios que sofrem há séculos com missões cristãs que são violências terríveis e incalculáveis. Que marcas são essas?

Linn da Quebrada: Na verdade são memórias. Qualquer que seja nossa trajetória, o corpo carrega memória. Eu acho que uma das várias marcas que o corpo carrega, dessa época que eu era Testemunha de Jeová, estão relacionadas à culpa, a uma construção do sagrado, do profano, do pecado, que acabou construindo e demorando muito tempo pra ser desconstruída, em relação a meu corpo enquanto desejo, como se ele fosse punido. Tem a ver com punição, culpa, pertencimentos, perceber o meu corpo naquela época como sendo errado. Perceber como sendo pecado, como se eu tivesse que abrir mão de mim mesma para poder existir, pra pertencer àquela comunidade.

MT: Quando nasce a Linn da Quebrada?

LQ: A Linn é muito recente. Eu já estava trabalhando com arte. Já estava fazendo teatro, experimentando o corpo com performance e outras coisas, mas a Linn nasce em abril do ano passado [2016]. Antes eu estava experimentando, investigando e vendo que meu corpo já tinha tomado bastante liberdade, experimentando novas relações, descobrindo tantas outras que eu poderia ser e entendendo o que significava, quais eram os reais efeitos de ser quem eu sou. Estava fazendo perguntas e investigando em cima disso. Até que eu encontro a música como possibilidade de comunicação, de diálogo, percebo ela como ferramenta de acesso a outras pessoas. Na época, eu estava estudando na Escola Livre de Teatro, e estava morando com a Liniker. E pude perceber a potência que a música possibilitava. Então começo a escrever, muito descomprometidamente, as coisas que eu já estava dizendo de outras formas. Nisso sai um bojo de músicas, mostro pra algumas pessoas que eram próximas, e todo mundo gosta muito. Vou mostrando pra outras pessoas até que surgiu a possibilidade



de apresentar num festival chamado *Periferia Trans*⁷ que acontece no Grajaú, em São Paulo, e a partir daí eu não parei mais. Começo a receber convites sobre o que eu estava fazendo em outros lugares, em festas, casas noturnas, saraus. Ainda que não soubesse, não tivesse domínio de produção musical, eu estava fazendo isso de forma muito impulsiva. Pegava as bases que eu encontrava na internet pra poder mostrar, até que eu conheço Luana Hansen⁸, uma rapper, também feminista, aqui da quebrada de São Paulo e ela produz junto comigo *Enviadescer*⁹. A gente grava na casa dela e solta a música pra que pudesse mostrar pra outras pessoas que estivessem mais distantes de mim. Eu acho que é assim que nasce Linn da Quebrada. Da rede de apoio, de união, da parceria com pessoas mostrando o que eu já estava fazendo, e de outra forma. Coloquei agora as coisas que eu estava fazendo com performance. Eu acho que a diferença é que cada instância artística, seja o teatro, o cinema, a música, cada um tem o seu modo de agir, cada um age de uma maneira, alcança determinadas pessoas, determinados lugares, e o que mais me impressionou na música foi o alcance que ela pode ter, em curto período, e a possibilidade de um diálogo direto, de uma troca com outras pessoas.

MT: Gosto muito da sua ideia de terrorista de gênero. Você poderia falar um pouco sobre isso?

LQ: É isso, eu lancei essa ideia de terrorista de gênero porque eu acho que a violência da sociedade para com alguns corpos e corpos como o meu, pretos, transviados, de quebrada, essa violência está posta. Então, algumas vezes, é necessário responder também com terror, responder também com agressividade a essa violência, e ainda mais, colocando o meu corpo como arma, o meu corpo como protesto, manifesto e como pólvora, diante desse sistema que já é violento com a gente cotidianamente.

MT: É interessante a ideia de que o “choque” pode impedir uma suposta paz e convívio das diferenças, mas eu penso antes que o choque é mais consequência e não causa do conservadorismo. Como é viver no Brasil e na Zona Leste nos últimos anos? O que mudou?

LQ: Exatamente. Ele é resposta. Eu não sei dizer exatamente porque, ao mesmo tempo que continua essa mesma violência, essa opressão, não só na Zona Leste, mas em toda a São Paulo, nos vários territórios por onde eu passei, essa violência sempre existiu. Essa hostilidade para corpos como o meu, negros, para corpos travestis, corpos trans, corpos pretos, ela está dada. Ela é posta e

7 Informações sobre o festival disponível em: <<https://www.facebook.com/periferiatrans/>>. Acesso em 28 jun 2018.

8 Algumas produções da rapper estão disponíveis em: <<https://soundcloud.com/luanahansen>>. Acesso em 28 jun 2018.

9 O clipe *Enviadescer* (2016) está disponível em: <<https://youtu.be/saZywh0FuEY>>. Acesso em 28 jun 2018.



naturalizada, essa violência e opressão. Ela não é nem passível de empatia, na verdade. O que tem mudado, com a internet, eu acho que com outras ferramentas também, é a formação de redes com pessoas que vivem essa mesma situação ou situações semelhantes, e onde a gente consegue reconhecer e estabelecer parcerias para nos mantermos vivos. Então é onde eu consigo formar redes de apoio e de sustentabilidade, com outras bichas pretas, transviadas, sapatão, com todas essas pessoas que, juntas, nós conseguimos nos manter mais forte, nós conseguimos ocupar outros espaços, nós conseguimos nos proteger e nos manter vivos.

MT: Depois da participação no programa Amor & Sexo¹⁰, da Rede Globo, vocês receberam críticas pela participação no programa. Coisas da internet que você deve estar habituada a lidar. Achei muito recalque nas falas. O que aprendeu com aquela participação?

LQ: Aquela apresentação foi útil e interessante pra ver o alcance da televisão. Por mais que a internet tenha muito alcance, a gente percebe que tem uma diferença. Como é o acesso das pessoas à televisão, à emissora como a Globo mesmo, e perceber o quanto foi interessante aquilo como veículo de informação, da minha mensagem, do que estou fazendo. Eu nunca fiz as coisas para agradar, necessariamente. Eu tenho feito e faço o que eu faço pra salvar minha vida, salvar minha própria vida, pra me encontrar com outras trans como eu, pra fazer perguntas, não necessariamente pra obter respostas, nem aplausos, eu faço o que eu faço como resposta ao que eu vivo, ao que o mundo me devolve. E daí, isso é um diálogo, isso que eu faço é conversa. Eu já esperava que houvesse uma outra resposta a partir disso. E acho que é isso que movimenta o meu trabalho, meu trabalho é trânsito, ele é movimento, ele não é fixo, nem estático, ele é esse trânsito e esse diálogo com todos. Eu acho que é isso que eu tenho tido em todos os lugares que eu tenho passado. Proporciona um acesso, cada um gera determinadas possibilidades, e eu tenho aprendido como lidar com esse jogo e a entender que posição eu estou nesse tabuleiro, com as pessoas que estão comigo, onde estão posicionadas e quais são as consequências, e os efeitos da nossa ação nesse jogo, nesse game.

MT: É nítido que você traz muito do teatro na sua performance, de onde vem essa influência, como você concebeu sua maneira de estar no palco?

LQ: Eu acho que minha experiência com o teatro realmente contribui bastante, não só para as minhas

¹⁰Também estavam na edição do programa no dia 02 de março de 2017, As Bahia e A Cozinha Mineira, o jornalista André Fischer e a cantora Cibelle. Para comentários sobre a participação e a discussão sobre representatividade Cf. TROI, M. **Corpo dissidente e desaprendizagem:** do Teat(r) Oficina aos a(r)tivismos queer. 162 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.



apresentações, mas a arte, de uma forma geral, me traz uma outra visão sobre meu corpo, me fez entender que ser artista, não tem necessariamente a ver com criar, com estar no palco, estar na televisão, no cinema. Ser artista para mim tem a ver com criar sobre minha própria existência, criar sobre o meu corpo, sobre as minhas relações, sobre agir, no meu espaço, no meu entorno, ser artista pra mim tem a ver com isso. Daí eu compreendo que o tempo todo de nossas vidas, nós estamos atuando, se trata de atuação da minha ação, da tua ação, de agir, de afetar, de ser afetada, de estar no presente, de fazer algo de fato, de gerar movimento. Eu pude praticar isso com o teatro, também pude exercer isso com a performance, interferindo, e fazendo coisas que causassem acontecimentos, pensar. Qual a relação do que eu passo, com a minha arte, não só da minha vida, mas do meu entorno, das minhas relações, das pessoas que estão próximas a mim. Mais que pensar em mudar o mundo, alcançar a paz mundial, o que eu penso é nas relações que estão próximas a mim, entende? É como o que eu faço intervém e age sobre o meu entorno. As pessoas que estão próximas a mim, com as quais eu convivo, com quem eu moro, com quem eu me relaciono, com quem eu olho no olho, as pessoas que eu encontro no caminho de casa. Eu acho que eu penso arte como ação, como um verbo.

MT: É óbvio que desde o Dzi Croquettes, o Teat(r)o Oficina, cantores como Ney Matogrosso, surge essa marca do corpo no trabalho, problematizando várias questões, mas me parece que essa é a primeira vez que o gênero, o sexo, a identidade, estão no centro da questão. Como observa essas genealogias?

LQ: Eu acho que isso é caminho mesmo. O discurso vai se transformando. Eram outras coisas que estavam em jogo naquela época, eram outros veículos de informação, as coisas eram diferentes, as barreiras, os limites, tudo isso estava em outros lugares. O que a gente está fazendo não é necessariamente novo, nós não somos pioneiras nisso que estamos fazendo, acho que além de tudo, tem outras pessoas que estão fora da lente midiática e que estão produzindo coisas tão interessantes quanto nós e tão relevantes, senão até mais. E que a mídia, os jornais, a televisão, não são capazes de, ou talvez não seja interessante para eles, dar visibilidade para essas pessoas. Assim como no passado, nós tivemos muitas outras pessoas que de uma forma ou de outra, já estavam pondo em xeque essas normas, já estavam colocando essa questão, já estavam implodindo e fazendo um *bug* no sistema, em outras perspectivas. Hoje, isso é movimento. Ficou insustentável pra grande parte das pessoas e pra mídia, principalmente, fingir que nós não existimos, ficou insustentável, não é mais possível fingir que nós não produzimos saber, que nós não produzimos conhecimento, que nós não produzimos e geramos informação legítima. Na quebrada, o funk é poesia. O rap é poesia e é história. As nossas histórias, geralmente, não são contadas. As nossas histórias não são validadas. Nossos corpos não têm peso, não



valem a pena. Como então a gente veicula a nossa história? A gente produz memória para falar sobre nós. Como nós produzimos o saber preto? Como a gente não tem tanta possibilidade de fazer livros de história, a gente faz isso na música, a gente faz isso nas paredes da cidade, nos pichos, a gente faz isso pela oralidade, construindo linguagem da nossa forma. Eu acho que esse é um movimento que tem acontecido hoje. Por isso, as identidades, e essa temática tem aparecido e estão vindo à tona.

MT: Você conversa com outros artistas como a Liniker, Johnny Hooker, outros coletivos que tratam sobre o gênero na arte? Existe um movimento em vias de organização ou acha que é algo mais independente? Como analisa essa conjuntura?

LQ: Acho que são muitos focos. Não se trata de um foco centralizado. Eu acho que é justamente essa a questão. Não se trata de um centro de produção de informação. A gente produz informação, gera movimento, questionamento e produz saber em vários pontos por onde passamos. A gente gera movimento no salão de beleza que a gente vai pra fazer cabelo, onde estou agora, por exemplo. A gente produz saber em todos esses espaços. A gente produz saber nessas pequenas aglomerações de pessoas e tem vários grupos que funcionam assim. Eu me reunia e me reúno com uns coletivos pra discutir determinadas questões, hoje de outras formas, mas eu atuei com o *Coletive*, onde a gente discutia questões relacionadas a sexualidade e gênero. Eu encontrei outros grupos que estavam pensando sobre essas questões. Eu encontro com pessoas parceiras e discuto sobre essas questões na mesa do bar. Eu discuto sobre essas questões nos lugares que a gente frequenta. A balada, o fervero, também é luta. O fervero também é espaço de questionamento e de investigação sobre si mesma. Eu acho que o lance é justamente esse: é como se a gente formasse zonas e territórios autônomos de produção de saber, em diversos espaços e lugares. Isso pode ser uma mesa de conversa, um sarau, pode ser sair pra beber alguma coisa com alguém. Mas é justamente se colocar no presente com as pessoas com quem você está. Entender, buscar entender o que está acontecendo, como estão essas pessoas, como você está, eu acho que isso produz saber.

MT: Percebo você muito articulada quando fala de outras formas de poder, seria algo próximo ao que Preciado¹¹ diz no Manifesto Contrassexual? Você lê filósofas como Butler, por exemplo? O que é o queer pra você?

LQ: Eu leio, já li bastante dessas filósofas. Li Foucault, li Preciado, li Butler, leio de tudo na verdade.

11 PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.



Hoje estou mais preguiçosa, e tenho encontrado outras fontes de movimento e de saber. Mas desde coisas brasileiras, li muita Clarice Lispector, li várias coisas. O *queer*, quando a gente fala *queer*, já vem isso que de certa forma é a leitura estrangeira, eles estão falando do contexto deles. O *queer* pra mim é contextualizado. O *queer* está falando de um lugar. Eu acho que nós temos que pensar o que é *queer* pra nós. E daí, eu acho que o *queer* ele é quase esse inominável. Se eu tentar falar pra você o que é o *queer*, pra mim eu já vou fixar e o *queer* é justamente esse movimento, esse espaço que não é o cristalizado, o fixado, ele não é estático, ele é o movimento, ele é aquela pessoa, identidades, que você olha e diz: o que é isso? É homem, é mulher? O que é essa pessoa? O *queer* é a dúvida, a incerteza, ele é um bug na cabeça do sistema, ele é um *tilt*¹² no sistema, ele é as pessoas em situação de vulnerabilidade que vive na rua e que não tem dinheiro pra tomar hormônios, e você vê que é uma identidade que foge. O *queer* também é atitude, não identidade. Ele é uma atitude em relação ao próprio corpo, em relação às outras relações, o nosso meio. Pra mim o *queer* é o *freak*¹³, ele é a pergunta. Ele é a pergunta, a dúvida e a incerteza.

MT: *Glória Perez criou aquela trama*¹⁴ *na qual colocou um personagem trans. Silvero Pereira, das Travestidas,*¹⁵ *do espetáculo BR Trans, foi convidado pra integrar o elenco. Está acompanhando a novela?*

LQ: Nem assisti. Não tenho televisão em casa e confesso pra você que não vi não. Eu sei que a gente percebe que há uma estratégia no sentido de “além de”. Não está na moda ser trans, transviada, nós sempre existimos. O que talvez esteja por aí é uma mudança do olhar das pessoas sobre nossas vidas.

MT: *Você acha que é o momento da visibilidade transviada no Brasil? Em que ela difere do início da visibilidade gay nos anos 90?*

LQ: Eu acho que assim como eu falei antes, ficou insustentável fingir que nós não existíamos. Já existíamos para esse círculo de informação, acontece que nós existíamos e éramos representadas, apenas de forma jocosa. Éramos representadas de forma marginalizada, e de certa forma,

12 Do inglês, “inclinar”, aqui no sentido de “pane”.

13 Do inglês, “anormal, anomalia, aberração”.

14 Trata-se da telenovela *A força do querer*, exibida no período de 03 de abril a 20 de outubro de 2017, foi a primeira a tratar da transexualidade de maneira direta a partir do personagem Ivan.

15 Sobre o coletivo *As Travestidas* ver o trabalho de NUNES DE SOUZA, A. Antígonas *queer*: notas sobre a precariedade do corpo trans no coletivo “As Travestidas”. In: *Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero*, 7, 2016, Juiz de Fora. Anais do VII Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016, sp. Sobre a questão da “representatividade” e o conceito de *trans fake* suscitado pelo movimento *Representatividade Trans Já* ver Troi (2018, p.137).



desumanizadas. O que interessava mostrar, para a maioria dos meios de comunicação, era uma faceta que nos tornava até menos humanas. Um olhar que não trazia empatia sobre nós e isso tem se transformado. É interessante porque gera curiosidade, elas podem se interessar, e somente assim, ocupando esses espaços, de comunicação, de poder e de fala que as coisas podem se transformar. Porque? Os veículos de informação e de arte, eles não só reproduzem o que é a vida, eles não só imitam a vida, mas eles também limitam a vida e produzem modos e comportamentos de existir. A arte não só repete, mas ela também inventa. Com isso, há possibilidade de inventarmos, utilizando esses meios, novas formas de nos relacionarmos.

MT: Você dá verdadeira aula sobre essa questão do inconsciente do capital, no sentido do desejo mesmo de “se querer ser aquele corpo que importa”, que está na TV. O corpo da travesti, dxs trans, dxs pretxs, índixs, corpos não conformados, normatizados, serão enfim corpos que importam?

LQ: Eu não sei te responder. Essa é uma questão que, realmente... Eu acho que o que tem se transformado, por exemplo, é que esses corpos, primeiramente, precisam importar para nós. Por isso acho importante essa formação de rede de apoio emocional, psicológica, econômica e até mesmo sexual. Porque quando eu sou preterida e quando deixo de importar no mercado de trabalho, quando eu não tenho relevância dentro da minha própria casa, quando a escola é hostil a mim e pro meu corpo, então, nós temos que construir, entre nós, trincheiras e essas parcerias para nos mantermos viva. É fazer, gerar emprego para nós, entre nós, começar a formar e elaborar estratégias de como nos mantermos vivas. É olhar para nós, umas outras, com desejo, sem sermos refêns apenas do olhar masculino, do macho, é olharmos pra nós com desejo, com carinho, com admiração e com afeto. Porque é isso que acontece, se a gente olhar para o mundo, a gente vai perceber que o macho está tão bem protegido e situado somente porque os homens admiram outros homens. Eles honram, eles vangloriam, legitimam, eles protegem e favorecem, inclusive economicamente, outros homens. Ao feminino, eles só reservam servidão e sexo, independente onde ele esteja localizado. Eu acho que a estratégia que nós devemos ter, formar, elaborar, é justamente essa: como é que a gente olha, sem isso que também foi elaborado por eles, que é a competição entre o feminino, a disputa pelo macho. Como é que a gente vira as costas para eles e olha uma para as outras com afeto, carinho, admiração e com dever, como a gente muda nosso olhar e começa a transformar essa situação, para que esses corpos, além dos nossos corpos, importem para nós mesmas.

MT: Há uma tradição do rap, do funk ostentação, do ideal da vida do consumo. Em que medida isso pode afetar você, afetar as suas demandas de expressão, de ativismo, artivismo, eu diria, de usar a



arte como ativismo? Até onde você faria concessões em termos de mercado? O que é inadmissível pra você?

LQ: Eu não sei te dizer porque eu acho que essa é uma grande questão. É sempre um ponto que é preciso estar atenta e observar. Por exemplo, uma pergunta que eu sempre me faço: porque eu faço o que eu faço? Porque eu estou fazendo o que estou fazendo? Eu preciso ter conforto, eu acho justo que nós tenhamos algum tipo de conforto financeiro e econômico, até mesmo porque isso nos foi negado sempre, principalmente enquanto pessoas pretas, trans. Nós nunca tivemos a possibilidade de ter um pouco de conforto econômico. Eu acho que eu posso usufruir desse conforto, de algum tipo de conforto, porque, sinceramente, eu não acho que seja um ponto de, não seremos nós as mandachuva que ganharão todo o dinheiro. Que estarão no topo do capitalismo. Não se trata disso. Não se trata dessa desigualdade de tomar todo o dinheiro para nós, em relação aos outros. Estamos falando de nós também, enquanto pessoas pretas, transviadas, possamos viver a vida e ter um pouco de conforto e de usufruir de outras coisas da vida que até então nos foram negadas. Não se trata da ostentação pela ostentação, e é por isso que a gente deve construir essas redes e partilhar, quando é construir rede, não estou sozinha. Não é essa lógica de patrão e patroa.

MT: *Quando a gente fala de empoderamento, luta-se para chegar ao centro? É possível resistir ao poder?*

LQ: Eu acho que é, mas eu não sei responder porque eu não cheguei nesse espaço, eu nem cheguei a ter poder. Nem cheguei a ter dinheiro dessa forma pra saber se serei corrompida. Nós nem estamos nesse espaço e às vezes essa é uma estratégia do sistema pra fazer com que a gente se afaste dessa possibilidade. Eu acho que é muito justo termos dinheiro, principalmente pra nós enquanto povo, não pra mim, enquanto Linn da Quebrada, sozinha, pronto e acabou. Nós estamos falando enquanto população e de ter uma situação mínima saudável. A gente não está falando de ter cinco carros na garagem, de ter uma mansão, a gente está falando do direito de ter uma casa própria, ter acesso à saúde pública, ter acesso à escola, as nossas pautas são sobre essas coisas.

MT: *Não há um perigo em tornar-se um modelo que crie uma identidade, a respeito mesmo, por exemplo, de um comentário que ouvi de L do LGBT ser de “Liniker”?*

LQ: Sempre há esse risco porque nós vivemos sobre o molde da representação. Isso é muito perigoso. Eu não posso representar ninguém a não ser eu mesma. Eu só represento a mim mesma e é preciso que a gente repense essa lógica. O interessante seria mais que representação, a lógica da participação,



da apresentação, onde cada pessoa apresentasse e representasse o seu próprio corpo. Essa lógica da representação é perigosa porque isso também nos deixa confortáveis em nossos lugares, nos espaços onde a gente vive porque já tem uma outra pessoa que nos representa. E causa ilusão de que qualquer uma pode chegar lá e é mentira. Nós sabemos que é mentira. É impossível, esse sistema não comporta um espaço onde todas as pessoas possam ter acesso a esses espaços de poder, por isso é representativo, a pessoa representa milhares de pessoas que não vão conseguir chegar naquele espaço.

MT: Você sofre bastante ataque do tribunal das redes sociais e vejo como você é inteligente, precisa, sabe lidar com isso, acredito que por sofrer isso no mundo não-virtual. Como a gente pode se livrar da ideia de que a opinião pode ser dada a ponto de criar violência? Você acredita que criminalizar pode ajudar ou tem que ter outra via de mudança?

LQ: Eu não sei. Todas as suas perguntas eu digo que não sei (risos). Eu não acredito nesse sistema judicial, não acredito na lógica da justiça punitiva. Eu acho que nós temos que repensar o conceito de justiça, acho que temos que repensar inclusive, um conceito de justiça restaurativa. Eu acho que essa justiça punitiva continua punindo os mesmos corpos. E quem continua sendo punido, marginalizado e trancafiados nas cadeias? Se nós olharmos pra esses corpos, nós veremos que estamos falando de uma população preta. Eu não acho que criminalizar o tribunal do Facebook seja necessário porque isso é, mais uma vez, cortar a possibilidade da gente pensar o que está acontecendo, juntas. E é delegar a responsabilidade para que outras pessoas pensem no nosso lugar. Eu acho que, não sei exatamente qual a maneira que devemos fazer isso, mas eu acho que devemos pensar sobre, pensar sobre essas questões e perceber o que a gente está construindo com essa lógica de justiça punitiva. Quem são os corpos que estão sendo punidos? Porque eles estão sendo punidos e se essa punição tem interesse de restaurar a situação ou se ela tem como interesse apenas a elevação do nosso próprio ego.

MT: A Grada Kilomba¹⁶ disse que o racismo é uma problemática branca, a transfobia é uma problemática cisgênera?

LQ: Eu acho. Porque a transfobia, e eu tenho pensado muito sobre a transfobia, ela é, como eu sinto a transfobia...você sente a transfobia?

16DJAMILA, R. “O racismo é uma problemática branca”, diz Grada Kilomba. *Revista Carta Capital*, [on line], São Paulo, 30 mar. 2016, sp. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problematica-branca201d-uma-conversa-com-grada-kilomba>> Acesso em: 28 jun. 2018.



MT: *Eu sinto porque sou um cis aliado e acabo visualizando. Eu não sinto, mas eu vejo.*

LQ: Exatamente. Agora as pessoas que sentem a transfobia, sentem de forma tão naturalizada que às vezes a gente não consegue nem identificar que o que estamos passando é transfobia. Porque? A transfobia é a negação de nós, pessoas trans, enquanto humanas. Ela nos nega o direito à relação. Em todos os espaços, eu sinto que para que as pessoas se envolvam comigo, para que eu tenha credibilidade ou para que as pessoas me olhem de forma que eu esteja no mesmo lugar que ela, que qualquer outro ser humano, eu preciso provar que eu sou merecedora. Por exemplo, eu já estava fazendo tudo isso que eu estou fazendo, já estava falando dessas coisas, mas é preciso ter uma aprovação midiática, que tenha uma outorgação de pessoas com legitimidade, para que tudo aquilo que eu estava falando tenha validade diante do sistema. E isso só acontece porque esse cis-tema, cis, ele só valoriza os saberes heterossexuais. São essas pessoas que construíram e escreveram os livros de biologia. Essas pessoas que escreveram e disseram o que é história. Essas pessoas que falaram quais são os valores que devem ser cultivados entre nós. São essas pessoas que criaram e inventaram o conceito de cultura. E cultura é aquilo que nós cultivamos. É aquilo que se cultua e foi cultuado um repúdio e aversão às pessoas trans. Foi cultuado um repúdio e uma aversão e preterimento às pessoas pretas. Foi cultuado, cultivado um menosprezo pelo feminino, subestimação do feminino, principalmente.

MT: *O seu vídeo blasFêmea é bastante potente nas questões do feminino. Tem planos para outros projetos nessa linha? Pensa em dirigir um filme algum dia?*

LQ: Nunca tive certeza sobre o que eu faria no futuro. Eu comecei a dançar, depois a fazer teatro, depois a fazer performances, eu já experimentei coisas atuando, coisas que ainda nem estrearam. Tenho feito e experimentado essa linguagem do audiovisual também. E tenho muitas vontades e incertezas. Tenho vontade de escrever um livro. Eu fiz uma orelha de um livro *Antologia Trans*¹⁷, escrevi a orelha desse livro. Mas ainda não tenho certeza do que vou fazer no futuro, eu tenho certeza do que eu quero fazer agora. Agora quero conseguir lançar meu álbum, agora eu quero pensar nessas músicas, estou inclusive com uma campanha de financiamento coletivo no ar, para conseguir materializar primeiro o *Pajubá*¹⁸, depois eu vou entender qual é a resposta do público e das pessoas perante o álbum. É diálogo. Eu espero que o álbum também seja motor e impulse outras pessoas

17 BORGES, P. et. al. *Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não binários*. São Paulo: Editora Invisível Publicações, 2017.

18 O álbum *Pajubá* foi lançado em outubro de 2017. São 14 faixas que podem ser ouvidas em: <<https://open.spotify.com/album/4DFEnokszxr009HcIVKlo7>>. Acesso em 28 jun 2018.



a fazerem outras coisas e depois então, eu vou me dar um tempo, porque esse sistema é muito cruel, e não dá tempo para que a gente crie vontade, pra que a gente tenha desejo de fazer outra coisa. Parece que ele exige que a gente tenha pressa, já quer a promessa de algo novo, e eu não consigo trabalhar dessa forma, eu preciso sentir a vontade de fazer outra coisa. Eu posso inclusive trabalhar no projeto de outra pessoa que não o meu. Eu não preciso ser o centro, eu não preciso ocupar os holofotes o tempo todo. Jogo, cena, teatro, é composto justamente de você entrar em cena, e você saber o momento de sair de cena, é você contracenar e agora, eu acho que estou nesse momento.

MT: Eu gostaria que você falasse de algum momento de epifania que você tenha vivido.

LQ: Um momento de epifania que eu sempre me lembro: quando eu estava conversando com uma amiga que estava se descobrindo travesti. Nós somos amigas e nós tínhamos um grupo, onde éramos muito próximas, lá em São José do Rio Preto, e quando ela disse pra esse grupo que estava se descobrindo travesti, esses amigos falaram “mas você é tão bonito de menino! Porque você só não se monta de vez em quando, porque você quer virar mulher? Só se monta, de vez em quando”. Daí ela falou uma coisa que mudou a minha vida. Ela falou “você já se olhou no espelho todos os dias e teve a certeza de que o que está sendo refletido não é você?” A partir desse dia, eu passei a olhar no espelho, eu passei a não ter certeza sobre a imagem que estava construída, sobre aquela imagem tão bem regimentada e construída por nós mesmas. Eu passei a brincar com essa imagem, a brincar com todas as possibilidades daquelas que eu poderia ser, sem ter certeza, e fazendo do meu corpo um processo. Um processo inacabado, estando sempre em obras, em obras... não em obras das trevas, mas obras das travas.

